

## A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA SURDA A PARTIR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

## THE RELEVANCE OF THE TEACHING OF LIBRAS FOR THE DEAF CHILD, OF CHILD EDUCATION: A CASE STUDY

Yasmin de Souza Zuquinali<sup>1</sup>

Ana Isabel Pereira Cardoso<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda sobre a relevância do ensino de Libras para a criança surda, a partir da educação infantil, apresentando o que é a língua brasileira de sinais, a cultura, a identidade surda e a importância da aquisição da língua. A língua de sinais é a base para que os surdos possam compreender e adquirir a língua portuguesa como segunda língua, que permite a inserção na sociedade e o acesso ao conhecimento e à cultura. Assim, o estudo teve como objetivo analisar se o ensino de Libras na Ed. Infantil influenciou no desempenho de uma criança surda no 1º ano do ensino fundamental. O método qualitativo da pesquisa teve como instrumento a entrevista com a professora titular e com a professora bilíngue da criança surda sobre a aquisição da primeira e da segunda língua, o aspecto social e o acompanhamento série/ano deste. Constatou-se, por meio da pesquisa, que o surdo pesquisado, ao ter contato com a língua de sinais desde a educação infantil não apresenta atraso cognitivo e desenvolve-se normalmente em período análogo ao da criança ouvinte. Embora, muitos sujeitos surdos são privados desse acesso e enfrentam diversas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, isso não se caracteriza pela deficiência, e sim por conta da privação da sua língua, a Libras.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação de surdos. Libras. Aquisição de linguagem. Segunda língua.

**ABSTRACT:** The article discusses the relevance of the teaching of pounds for the deaf child, from the early childhood education, presenting what is the Brazilian language of signs, culture deaf identity and the importance of language acquisition. This language serves as a basis for the deaf to understand and acquire the Portuguese as a second language, which allows them to enter into society and access to knowledge and culture. Thus, the study had as objective to analyze if the teaching of *Libras* in the Child Education influences the performance of a deaf child in the first year of elementary school. The qualitative method of the research had as an instrument the interview with the titular teacher and with the bilingual teacher of the deaf child about the acquisition of the first and second language, social aspect and the series / year

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC - yasminzuqui@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Professora de Educação Física. Fisioterapeuta. Professora de Libras. Mestra em Ciências Ambientais – anaisabel@gmail.com

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

follow-up of this one. It was verified through the research that the deaf to contact with their native language since the infantile education, does not possess any type of cognitive delay, being able to develop normally in a period analogous to the hearing child. Although many deaf individuals are deprived of this access and face several difficulties in the teaching-learning process, this is not characterized by deficiency, but by the deprivation of their language, Libras.

**KEYWORDS:** Education of deaf. Libras. Language acquisition. Second language.

## 1. INTRODUÇÃO

Libras, ou Língua Brasileira de Sinais, é a primeira língua dos surdos brasileiros, é a sua língua natural e, como tal, deve ser aprendida o quanto antes, pois é a partir dela que conseguirão maior acesso ao conhecimento, à cultura e à interação social. Diante disso, encaminha-se a necessidade de investigar este tema. Talvez, é possível que a criança surda ao aprender Libras desde a educação infantil ao chegar nos anos iniciais, não apresentará atraso no desenvolvimento cognitivo e no desempenho escolar. Além disso, por muito tempo, os surdos tiveram atrasos no processo educacional, resultante de vários aspectos, um deles por não ter aprendido a língua de sinais.

Contudo, existem diversos artigos que abordam sobre a importância de o surdo aprender Libras, a dificuldade que eles passam por não ter aprendido o idioma materno durante o início da trajetória escolar; e outros sobre o porquê de muitos não terem aprendido o português escrito, por conta do atraso causado pela não aquisição da Libras em tempo hábil. Entretanto, falta saber se realmente a criança aprendendo desde a educação infantil, a língua brasileira de sinais, irá influenciar o seu desempenho escolar ao chegar nos anos iniciais da educação infantil. Se por meio dessa aquisição, ela irá conseguir desenvolver-se, aprender a ler, a escrever o português, e se irá conseguir atingir os objetivos estabelecidos pelo professor conforme o ano/série que está incluso.

Buscando contribuir para a discussão deste tema, um dos focos principais deste estudo foi baseado na observação de uma criança surda no 1º ano do ensino fundamental, na qual, a pesquisadora teve contato prévio na educação infantil, quando, na oportunidade, despertou curiosidade sobre o processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos. Também, foi realizado um questionário com a professora titular e com a professora bilíngue deste aluno.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

Por isso, a problemática da pesquisa consistiu em saber se o ensino de Libras na Ed. Infantil pode influenciar no desempenho de uma criança surda, do 1º ano do ensino fundamental. Desse modo, a partir do exposto tem-se como objetivo geral: Analisar se o ensino de Libras na Ed. Infantil influencia no desempenho de uma criança surda no 1º ano do ensino fundamental e os objetivos específicos são: Descrever a identidade e a cultura surda, caracterizar o aluno surdo, analisar o desempenho do aluno conforme os objetivos estabelecidos pela professora do 1º ano e relatar qual a importância da aquisição de Libras para a criança surda na Ed. Infantil.

## 2. A LÍNGUA DE SINAIS (ESPAÇO-VISUAL)

A trajetória dos surdos, por muito tempo, foi marcada por grandes desafios, principalmente no âmbito educacional, pois nem sempre foram respeitados ou reconhecidos como seres humanos. Durante anos, a surdez foi vinculada à falta de inteligência. Como não poderiam falar, não adquiririam linguagem e não poderiam pensar, não havendo probabilidade de aprendizagem. Portanto, desencadeando assim, um fracasso no seu desempenho escolar (FERNANDES, 2011). Mas, para que se compreenda melhor sobre a educação desses sujeitos e a relevância da aquisição da primeira língua (Libras) e da segunda (Português), exige uma breve discussão sobre a língua de sinais, a cultura e a identidade surda.

Quadros (1997, p. 46) afirma que “Em primeiro lugar, as línguas de sinais [...] são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço.” Ou seja, os surdos compreendem o mundo pelo visual, pois a Libras é uma língua que se utiliza de sinais para se comunicar, ao invés de sons como nas línguas orais. Além dos sinais, também é usado o alfabeto manual que pode ser referido como datilologia, ele é utilizado para soletrar palavras, “[...] soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo não existente na língua de sinais que ainda não tenha sinal.” (GESSER, 2009, p. 29).

Além disso, a Libras é a Língua Brasileira de Sinais reconhecida pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, conforme Art. 1º. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL, 2002).

Porém, mesmo depois ser reconhecida como língua, ainda é preciso afirmar e reafirmar essa legitimidade, tornando-se um discurso repetitivo, até mesmo para a família do surdo, que em alguns casos, não reconhece a importância dessa língua para eles (GESSER, 2009). Nesse sentido para a autora:

Os surdos foram privados de se comunicarem em sua língua natural durante séculos. Vários estudos têm apontado a difícil relação dos surdos com a língua oral majoritária e com a sociedade ouvinte. Escolas, profissionais da saúde, e familiares de surdos têm seguido uma tradição de negação do uso dos sinais. (GESSER, 2009, p. 25).

Ainda sobre os familiares, Strobel (2009), relata que existem famílias que alimentam esperanças, ao levar em médicos, no sentido de que há um modo de “curar essa deficiência”. Sendo que para os surdos, essa deficiência auditiva na verdade não é uma deficiência, eles apenas consideram-se diferentes, ou como estrangeiros que utilizam outra língua. Gesser (2009, p. 64), complementa que “A surdez é muito mais um problema para o ouvinte, do que para o surdo”.

Com relação à comunicação dos surdos, Strobel (2009, p. 47) afirma que “A língua de sinais é uma das principais marcas de um povo surdo [...]”. Portanto, a Libras é um meio de comunicação e, por meio dela, os surdos conseguirão adquirir o conhecimento universal e ter acesso às demais informações, expondo assim sua grande importância. Gesser (2009) e Strobel (2009), abordam sobre o que é a Libras, sendo ela uma língua expressa por meio da modalidade espaço-visual e que não é uma língua universal, como todas as outras línguas; ao mudar de país ou até mesmo de região, elas modificam-se.

Karnopp e Quadros (2001), destacam sobre os direitos linguístico da criança surda, pois elas têm o direito de ter a educação em língua de sinais, e esse acesso a elas muitas vezes torna-se inegável, por isso a escola tem o dever de garantir que essa criança aprenda a Libras de forma natural para conseguir desenvolver sua interação tanto linguística, como social e cultural. Segundo Quadros (1997, p. 27):

A preocupação atual é respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. [...] Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é

adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais.

Infelizmente, muitas vezes, o surdo não tem esse acesso ainda na educação infantil, geralmente, é a partir dos anos iniciais, o que muitas vezes pode resultar num atraso linguístico. Por isso, há uma grande relevância de se pensar nesses direitos, para garanti-los “[...], pois a criança surda de hoje será o adulto surdo de amanhã.” (KARNOPP; QUADROS, 2001, p. 10).

### 3. CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Cultura é o conjunto que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, os costumes e a língua adquiridos por alguém que faz parte de uma sociedade, na qual é membro. Entretanto, Strobel (2009) descreve que existem diversas concepções sobre o que é cultura, pois cada teoria elaborada é resultante da história particular escrita por vários pesquisadores que tinham as próprias conclusões em relação às diferentes culturas. A autora também argumenta que o principal aspecto da cultura surda é a experiência visual, visto que eles compreendem o mundo de maneira diferente, percebendo-o com os olhos.

Há diversos questionamentos em relação à cultura dos surdos, porque muitas pessoas não compreendem como é o mundo deles e por conta disso, acabam criando suposições erradas em relação ao povo surdo. Nesse sentido, Strobel (2009, p. 27) aborda que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Contudo, muitos surdos se apropriam do processo de transmissão cultural somente na idade adulta, porque muitos vêm de famílias ouvintes que em alguns casos não compreendem a importância de o sujeito pertencer à comunidade surda. Todavia, para que este sujeito construa a sua identidade, é essencial o contato com o povo surdo, que usa a mesma língua, a língua de sinais. Ao terem acesso à língua de sinais e à participação ativa na

comunidade surda, terão “[...] maior segurança, autoestima e identidade sadia.” (STROBEL, 2009, p. 49). Para a autora, é relevante que as crianças surdas convivam com adultos surdos, para se identificarem e possuírem acesso às informações no seu dia a dia.

Nesse contexto, existem alguns surdos que optam por assemelharem-se às características de outros grupos, como por exemplo, dos ouvintes. Então, escolhem recursos que possibilitam a audição, por meio de implantes e aparelhos auditivos. Sendo assim, Strobel (2009, p. 122) complementa que:

Considerando que o povo surdo necessita de duas línguas: a língua de sinais na comunicação entre seus idênticos e da segunda língua para se integrar à comunidade ouvinte, essa colocação reflete a ideia de uma relação intercultural, pois o povo surdo pode se aproximar da cultura ouvinte como uma opção e ter uma relação de trocas e compartilhamento de ambas as culturas, procurando respeitar as suas diferenças.

Outros sujeitos optam por viver na sua perspectiva cultural, ou seja, a partir de um contexto cultural, dessa maneira, poderão dialogar com outros sujeitos utilizando de sua língua, a Libras, sendo ela, um operador importante na construção da identidade surda. Visto que, ao falar de identidade surda, deve-se entender que ela está em constante construção, num processo histórico (KRAEMER, 2012).

#### 4. AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

No Brasil, na década de 1980 e 1990, iniciou-se a pesquisa sobre a língua de sinais e sobre a aquisição dessa língua. Estes estudos realizados sobre a aquisição de linguagem infantil, das línguas orais e das línguas de sinais, relataram algumas condições semelhantes de crianças surdas e de crianças ouvintes. A criança surda filha de pais surdos, tem acesso à língua de sinais naturalmente, na mesma condição que a criança ouvinte filha de pais ouvintes tem acesso à língua oral-auditiva (KARNOPP; QUADROS, 2001).

Quadros e Schmiedt (2006), também mencionam sobre esses estudos, argumentando que as crianças que têm acesso à língua de sinais, desde muito cedo, possuem mais oportunidades ao entrar no mundo da linguagem. Porém, a criança surda, filha de pais ouvintes, muitas vezes, por não ter esse acesso à Libras desde cedo, apresenta atraso na aquisição de linguagem e torna-se limitada aos conhecimentos e às informações externas.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

(STROBEL, 2009). Por isso, Quadros e Schmiedt (2006) ressaltam que a escola torna-se um espaço fundamental para a criança, geralmente é lá que ela tem o primeiro contato com a língua de sinais e é por meio dessa língua que irá adquirir a linguagem.

Se há um dispositivo de aquisição de linguagem [...] comum a todos os seres humanos que precisa ser acionado mediante a experiência linguística positiva, visível à criança, então a criança surda brasileira deve ter acesso à LIBRAS o quanto antes para acionar de forma natural esse dispositivo. A língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido, à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a LIBRAS. (QUADROS, 1997, p. 27).

A maioria das crianças surdas que chegam às escolas são filhas de pais ouvintes, mas essa criança, também precisa ter contato com o adulto surdo. A presença do adulto surdo, é uma grande vantagem para a criança, que ao chegar à escola, será recebida por alguém que pertence à sua comunidade cultural, social e linguística, assim começará a construir sua identidade e a adquirir a sua língua natural.

Quadros (1997, p. 80), retoma a seguinte questão: “como uma criança surda, filha de pais ouvintes, terá a LIBRAS como sua L1 (primeira língua) em tempo hábil?” As crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirem a língua de sinais naturalmente e precocemente, pois é a língua usada por seus pais e eles não usam essa língua apenas com a criança, também usam com amigos e entre eles, então a criança tem o contato diário com a Libras. No caso das crianças surdas, de pais ouvintes, a língua de sinais não é a língua dos pais, então mesmo quando usam essa comunicação, usam-na somente com a criança, ou muitas vezes, a criança só terá esse acesso à sua língua ao chegar à escola, geralmente nos anos iniciais.

Para as autoras Karnopp e Quadros (2001), é fundamental que os bebês surdos, desde cedo, tenham contato com pessoas surdas, porque é preciso garantir este acesso à aquisição da linguagem e junto a ela, os valores, a cultura, os padrões sociais, as informações e os conhecimentos que são adquiridos pelo uso da língua. A interação com as pessoas surdas, auxiliará no desenvolvimento da identidade emocional e social.

Segundo Gesser (2009) existe uma crença de que os surdos não aprendem os conteúdos escolares porque têm mais dificuldade do que os ouvintes. Porém, não seria uma situação de dificuldade intelectual, e sim, de falta de oportunidades para o acesso a uma

escola que possibilite o uso da língua padrão, garantindo a alfabetização na primeira língua do surdo. Diante disso, é possível compreender que é o não uso da língua de sinais que atrapalha na aprendizagem do aluno. Especialistas perceberam que quando a Libras não é utilizada como a língua de instrução, resulta num fracasso escolar, no desenvolvimento da linguagem escrita. Dessa forma, “O respeito à língua natural do surdo lhe é garantido *só e se* a educação é feita em sua língua natural.” (GESSER, 2009, p. 59).

Além disso, Quadros (1997) expõe as quatro fases do desenvolvimento da aquisição da linguagem em crianças surdas, como os ouvintes, que também passam por fases até desenvolver a linguagem, que é o português. São elas:

#### 4.1. Período Pré-linguístico

A criança surda e a criança ouvinte tem um período em comum, que é o Pré-linguístico, quando se inicia o balbucio que ocorre em todos os bebês. Esse fenômeno é uma capacidade natural para a linguagem, ela pode ser expressa por meio de sons e também de sinais. Então, os bebês surdos possuem duas formas de balbucio manual; o silábico que demonstra combinações da língua de sinais e a gesticulação que seria apenas gestos sem organização interna. Quadros (1997, p. 70), expõe que “As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes.” Ou seja, o manual é interrompido no ouvinte e ele tem a necessidade de usar o vocal, deixando os gestos de lado para usar a fala; e, o surdo, por não conseguir expressar-se por meio do vocal, tem a necessidade de usar o manual e começa a introduzir os sinais na comunicação.

#### 4.2. Estágio de Um Sinal

O estágio de um sinal inicia-se mais ou menos aos doze meses e percorre em média até aos dois anos de idade, porém estudos apontam que os bebês surdos filhos de pais surdos esse período é precoce e se inicia por volta dos seis meses. Toda via, as crianças surdas e as crianças ouvintes com menos de um ano de idade, geralmente, apontam para indicar

algum objeto ou alguma pessoa, mas quando a criança entra nesse período de um sinal, esse apontamento desaparece. Portanto, ela passa a reorganizar o conceito de apontar, para visualiza-lo como elemento da gramática da língua de sinais.

### **4.3. Estágio das Primeiras Combinações**

A partir dos dois anos de idade começam a aparecer às primeiras combinações de sinais e, sem perceber, as crianças começam a usar o sistema pronominal. Segundo estudos, Quadros (1997, p. 72) descreve que “o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes.” Assim como ocorre ‘erros’ de reverter o pronome com as crianças ouvintes, o mesmo acontece com a criança surda.

### **4.4. Estágio de Múltiplas Combinações**

Depois das primeiras combinações de sinais, em torno de três anos de idade, as crianças surdas ampliam seu vocabulário; começam a diferenciar verbos e sujeitos, compreendendo a diferença, como por exemplo, de cadeira e de sentar. Por volta dos quatro anos, a concordância verbal ainda não é usada corretamente, pois não fazem associação entre o local e a referência, dificultando essa concordância. Contudo, por volta dos cinco e dos seis anos, a criança já utiliza esses verbos adequadamente, tornando-se comum também o uso de sujeitos e de objetos nulos nessa fase.

Após passar por todas essas fases, a criança apresenta a aquisição do sistema pronominal (pronomes pessoais), fazendo uso também de concordâncias verbais. Iniciam-se as primeiras produções de histórias e de reproduções de fatos acontecidos no passado, obtendo novas experiências a cada dia.

Embora muitos surdos sejam prejudicados por não ser-lhes garantido esse processo de aquisição da língua desde o seu nascimento; segundo o decreto 5626 de 2005, Art. 23, as instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras/ Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem

o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005). Todavia, é lhes assegurado o direito a esse acesso, muitas vezes, a partir dos anos iniciais, porém, esse processo deveria ser iniciado já na educação infantil, evitando que a criança enfrente inúmeras dificuldades no seu processo de alfabetização/letramento (FERNANDES, 2011).

Gesser (2009) complementa que o surdo pode desenvolver normalmente suas habilidades tanto cognitivas, quanto linguísticas, ao ser-lhe assegurado o uso da língua de sinais, em todos os espaços que habita. “Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua.” (GESSER, 2009, p. 76).

Por fim, Quadros (1997, p. 79) aponta que “a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionado por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência.” Por isso, estudos comprovam que o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas e das crianças ouvintes ocorre em períodos semelhantes.

Além do mais, é de extrema importância a Libras no processo de alfabetização em língua portuguesa, apesar de que essa aprendizagem ocorre sem que a maioria dos surdos tenha tido contato com a língua de sinais (FERNANDES, 2011). Em relação ao Português, Quadros e Schmiedt (2006, p. 26) defendem que “Os alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa.” Ou seja, o surdo ao aprender a ler os sinais, terá subsídios linguísticos e cognitivos para ler as palavras escritas em português. Sendo assim, esse processo de alfabetização é baseado na descoberta da própria língua, passando então a ter valor real para a criança. Mesmo o surdo não ouvindo as palavras, ele não questiona o significado delas no português, mas sim na língua de sinais, tornando a escrita do português significada por meio de Libras. Também é preciso deixar claro o porquê e para que ele vá ler; do mesmo jeito que a criança ouvinte necessita dessa compreensão.

A LIBRAS é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, [...] conseqüentemente deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com a L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda. (QUADROS, 1997, p. 84).

Conforme Gesser (2009), os surdos possuem algumas dificuldades na aquisição da segunda língua, por conta de a mesma ter relação fônica com a língua oral, tornando-se um desafio para o surdo. Entretanto, mesmo que o surdo não vocalize a língua oral, ele pode escrever bem o português, como é feito por muitos falantes de outras línguas, de línguas estrangeiras. Gesser (2009, p. 57) ainda reforça que “[...] a relação que o surdo estabelece com a escrita da língua oral é distinta [...]”, pois ele relaciona por meio do idioma materno.

## 5. METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para a realização desta investigação adotou-se uma pesquisa exploratória, de natureza básica. Exploratória porque terá como procedimento o estudo de caso e de acordo com Gil (1991, p. 41), tem como objetivo “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.” De natureza básica, pois é motivada para o saber sobre a aprendizagem de uma criança surda. Dessa forma, é caracterizada pelo estudo bibliográfico, porque consiste no estudo por meio de materiais literários, publicados em artigos, livros, leis dentre outros sobre o tema com busca com as palavras – surdez; língua de sinais; interação e diversidade.

Desse modo, a pesquisa é de cunho qualitativo, que teve como instrumento para a coleta de dados um questionário semiestruturado, realizado com a professora titular e com a professora bilíngue do aluno estudado, usando o mesmo questionário para ambas, com perguntas referentes ao desenvolvimento escolar, à aquisição de linguagem da primeira e da segunda língua, ao aspecto social e se acompanha os objetivos das disciplinas.

Outro instrumento usado foi a observação deste aluno em seu atendimento no AEE (Atendimento Educacional Especializado) com o instrutor surdo e com a professora. Os aspectos analisados foram relativos ao desenvolvimento da aquisição da linguagem.

## 5.1. Identificação do sujeito surdo da pesquisa

O aluno sujeito da pesquisa é denominado neste estudo como João, possui sete anos de idade, filho de pais ouvintes e apresenta surdez profunda bilateral. Conheceu a Libras por volta dos dois anos de idade, quando começou a frequentar a escola de educação infantil. A comunicação com a família e com as demais pessoas de sua convivência, é por meio de Libras. Faz parte da comunidade surda, frequenta o 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal inclusiva, na qual tem uma professora bilíngue e também possui atendimento no AEE (Atendimento Educacional Especializado) de sua escola.

## 5.2. Resultado da pesquisa com a professora titular e professora bilíngue de João

As professoras foram questionadas se o aluno pesquisado, ao chegar no 1º ano do ensino fundamental, fazendo uso da Libras, teve contribuição em sua aprendizagem. As mesmas relatam que por conta de o aluno ter tido acesso a Libras desde a educação infantil, chegou ao 1º ano do ensino fundamental fazendo uso da língua de sinais para comunicar-se e expressar-se, facilitando assim a aprendizagem do mesmo.

O surdo que não tem esse acesso precoce à língua, ao chegar aos anos iniciais terá que aprender primeiro a Libras para conseguir comunicar-se e, posteriormente, ter acesso ao conhecimento e aos conteúdos para que possa interagir e participar da aula; para, finalmente, aprender a segunda língua, o português. Assim, o aluno sem a aquisição da língua de sinais, acaba tendo um grande atraso no desenvolvimento e no desempenho escolar. Nesse sentido, as respostas das professoras se encontram em concordância com as reflexões de Quadros (1997) quando se refere à aquisição da linguagem, e ao papel fundamental e essencial para os indivíduos surdos que necessitam dessa aquisição, o quanto antes, para seu desenvolvimento. Constata-se, então, que a dificuldade que alguns surdos enfrentam nos processos de ensino aprendizagem, está relacionada à privação de acesso ao idioma materno e não pela surdez.

Fernandes (2011) afirma que em muitos casos, quando os alunos surdos chegam aos anos iniciais enfrentam diversos problemas no processo de alfabetização/letramento da língua portuguesa, visto que esse processo ocorre sem que o aluno tenha tido a sua primeira

língua, diferente de João, que já tem sua primeira língua consolidada e consegue acompanhar com progresso a aprendizagem da língua portuguesa. É preciso entender que a língua portuguesa deve ser ensinada por meio de Libras, para que o aluno possa compreender melhor a leitura e a escrita, como está sendo feito com o sujeito da pesquisa. Além disso, as professoras abordam que o aluno faz relação dos sinais que conhece com palavras do português escrito, amparando-se sempre na Libras para aprender a segunda língua. De acordo com Quadros e Schmiedt (2006), o letramento da segunda língua (Português) só terá sentido para a criança se significado por meio de sua primeira língua. Da mesma forma, além de aprender a língua oficial do grupo dominante (ouvinte), essa língua tem um papel fundamental na escolarização do surdo. Quadros (1997) defende que aprender a língua portuguesa é necessário, porque as crianças surdas também precisam dominar esta língua para poder garantir seus direitos diante da sociedade ouvinte.

Por outro lado, o instrumento da pesquisa apresentou a proposta de Quadros (1997) com as fases do desenvolvimento da linguagem em crianças surdas, para que as professoras identificassem qual a fase do desenvolvimento da linguagem que João estava e conceituassem os termos: concordância verbal, produção de histórias e reprodução de fatos acontecidos no passado.

Pode-se constatar, então, conforme as professoras, que o sujeito da pesquisa, encontra-se no estágio das múltiplas combinações, na qual o aluno apresenta uma explosão de vocabulário. Também se identificou o sistema pronominal, o mesmo já faz uso adequado da concordância verbal, formulando algumas frases simples, contando que está em processo de aprendizagem. Ele também reproduz fatos acontecidos no passado, relacionado à escola ou quando é questionado, porém ainda apresenta dificuldade na produção de histórias. João acompanha a turma tanto nos aspectos sociais quanto no aspecto psicomotor, e atende aos objetivos estabelecidos pela professora. Quadros (1997) considera que a criança surda que tem acesso à língua de sinais desde a educação infantil, como é o caso desse aluno, desenvolve-se sem prejuízo algum da mesma forma que a criança ouvinte. Percebe-se então que este aluno investigado conseguiu desenvolver sua linguagem sem atraso, pois teve acesso a língua de sinais a partir da educação infantil, geralmente os surdos filhos de pais ouvintes, têm esse contato com a Libras apenas quando são inseridos no âmbito escolar e muitas vezes,

nos anos iniciais, por isso, quando ele tem essa oportunidade desde a educação infantil, ao chegar aos anos iniciais, conseguirá acompanhar a turma com sucesso.

Por fim, as professoras comentaram a respeito da dinâmica de aprendizagem desse aluno em sala de aula, que é feita por meio de imagens e de interpretações com o auxílio do professor bilíngue. Algo que é muito relevante, porque o visual é essencial nesse processo de elaboração do conhecimento. Dessa forma, Quadros (1997) defende a importância do visual na educação dos surdos, principalmente na aquisição da segunda língua do surdo, a língua portuguesa. “Para o aluno ativar o desenvolvimento da língua, necessariamente ele precisa de *input* auditivo (ouvir) e visual (ler). No caso de o aluno surdo brasileiro adquirindo a língua portuguesa, o *input* visual dessa língua é essencial nesse processo.” (QUADROS, 1997, p. 86).

### 5.3. Observação do Atendimento no AEE

Durante a pesquisa, foi possível também acompanhar o aluno durante o atendimento no AEE. Este atendimento é realizado com professor/instrutor de Libras, que relata ao ser questionado, que esse atendimento ao aluno tem como perspectiva a educação bilíngue, com o objetivo também de enriquecer os conteúdos abordados na sala regular.

No atendimento do AEE, o ensino-aprendizagem de João é feito com o auxílio de imagens, vídeos, materiais didáticos, jogos, atividades impressas e materiais elaborados pelo instrutor surdo, que o acompanha desde a educação infantil. Pode-se observar também, a naturalidade que a criança surda tem na dinâmica da aprendizagem, na comunicação e na participação ativa em todas as atividades propostas, conseguindo expor suas ideias. O mesmo comenta que João está desenvolvendo-se com progresso, pois já conhece diversas palavras em português e consegue relacioná-las com os sinais em Libras.

Foi presenciada uma das atividades realizadas com o aluno. O professor entregou uma atividade impressa que apresentava imagens com os sinais dos animais em Libras e a datilologia (alfabeto manual/ alfabeto em Libras) do nome de cada animal, no qual ele deveria relacionar. Observou-se então a facilidade que o mesmo teve em resolver a atividade, pois ele lia o nome e ligava aos animais corretamente. Contudo, o professor menciona que é muito

importante o auxílio dos pais na aquisição da linguagem da criança, porque a família precisa conhecer a língua de sinais.

As crianças surdas, filhas de pais ouvintes, são as que mais apresentam dificuldades quando chegam ao ensino fundamental, pela falta de convivência com a língua de sinais, pois geralmente os familiares não têm conhecimento de Libras. O que é prejudicial à criança, que não poderá desenvolver sua língua naturalmente; Ao contrário, da criança surda filha de pais surdos, que desde o seu nascimento tem o contato natural com a língua. Como Quadros (1997) também expõe, a criança usará a mesma língua que os pais, sendo assim, sua família utilizará a Libras como sua primeira língua, usando-a não só com a criança, mas, sim, com os integrantes da família, e, possivelmente, ciclo social.

Entretanto, no caso de João que é filho de pais ouvintes, teve um grande auxílio de seus pais, visto que, após ele entrar na creche e seus pais conhecerem a Libras, buscaram participar de cursos básico/avançado de Libras e hoje se comunicam fluentemente, proporcionando a João o contato com a Língua. Desse modo, foi possível a troca com a família, interagindo e se comunicando, por meio de Libras. Complementando assim, de acordo com Quadros e Schmiedt (2006), que a língua de sinais só será adquirida pela criança que tiver oportunidade de interagir com usuários de Libras.

Portanto, se a criança está adquirindo a língua de sinais, mas não tem com quem interagir, como terá progresso? Por isso, a relevância de a família ouvinte também adquirir a língua de seu filho, assim, a Libras pode ser a primeira língua da criança surda e a segunda língua de seus pais ouvintes.

## 6. CONCLUSÃO

O presente estudo buscou ampliar as discussões em relação à aquisição de linguagem das crianças surdas. Além das pesquisas bibliográficas, há como ponto de partida as informações das professoras e do instrutor de Libras de um aluno surdo de sete anos de idade que estuda em uma escola municipal inclusiva. Buscando contribuir para essa discussão, este trabalho preocupou-se em focalizar brevemente na identidade e na cultura surda e um pouco sobre a língua de sinais, para melhor compreensão dos temas seguintes,

sobre a aquisição de linguagem e as análises do aluno pesquisado, em sala de aula. Ao final dessas reflexões sobre a relevância do ensino de Libras para as crianças surdas, conclui-se que é de extrema importância o acesso à língua de sinais, como instrumento de comunicação básica, desde a educação infantil, para que possa ter, por meio do contato com a comunidade surda e interação com adultos surdos, o pleno desenvolvimento cognitivo proporcionado pela comunicação.

Por meio da pesquisa foi possível analisar que a criança ao ingressar no ensino fundamental com sua língua consolidada, não apresentará atraso no desenvolvimento cognitivo. Tendo em vista, que o surdo pode acompanhar sem prejuízo algum a sua turma ouvinte, pois com o uso de Libras pode aprender o português escrito, e a partir do português terá acesso ao conhecimento elaborado e aos instrumentos de aprendizagem baseados na leitura e na escrita das línguas orais.

Cabe ressaltar que a sociedade ainda discrimina a surdez, como se fosse o motivo das limitações na aprendizagem da criança. Mas, de acordo com o que foi apresentado, constatou-se que o causador das limitações de algumas crianças surdas é a privação delas com a sua língua. Por isso, algumas dificuldades que encontram durante a trajetória escolar, são resultados do atraso linguístico por não ter esse acesso desde sua infância. Contudo, é preciso entender que no processo de inclusão, cabe à escola se adaptar às condições do aluno e não o aluno adaptar-se à escola. Então se o aluno possui a Libras como primeira língua, ele deve ser alfabetizado por meio da sua língua, deve aprender o português, e preferencialmente deve se comunicar por meio de Libras.

Foi possível verificar nas falas dos professores, o grande progresso do aluno, tanto em Libras, quanto em Português. Desse modo, tornou-se possível alcançar o objetivo geral constatando que o ensino de Libras na educação infantil, influenciou no desempenho da criança surda do 1º ano do ensino fundamental. A Língua Brasileira de Sinais é essencial na vida dessas crianças, pois a única diferença entre os surdos e os ouvintes, é a forma de comunicação. Para tanto, sabemos que toda criança tem direito ao acesso e à permanência em escolas do ensino regular, respeitadas as diferenças e com adaptações curriculares, atendimento educacional especializado e tecnologia assistiva, visando sempre à educação justa e igualitária a todos.

## 7. REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em:  
<<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 12 setem. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 12 setem. 2018.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. 2. ed. Curitiba: Editora Ibpex, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 6.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para os surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (org.) **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas, 2001, p. 214-230.

KRAEMER, Graciele Marjana. Identidade e cultura surda. In: LOPES, Maura Corcine. (org.) **Cultura surda & Libras**. São João Batista: Editora Unisinos, 2012, p. 150-152.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição de linguagem**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.